

“DE ELOISA PARA ABELARDO”

De Alexander Pope (Inglaterra, 1688 – 1744)

Tradução do inglês de Jorge Luis Gutiérrez¹

(fragmentos)

Nesta profunda solidão e terrível cela,
Onde a contemplação celestial do pensamento habita,
E sempre reina a meditação melancólica;
Que significa esta agitação nas veias de uma virgem?
Por que meus pensamentos se aventuram além do último retiro?
Por que sente meu coração este amplo e esquecido calor?
Ainda, ainda eu amo! De Abelardo veio,
E Eloisa ainda deve beijar seu nome.
Querido fatal nome! Restos nunca confessados,
Nunca passarão estes lábios no sagrado silêncio selado.
Ocultá-lo, meu coração, dentro desse disfarce fechado,
Quando se funde com Deus, sua falsa ideia amada:
Ó mesmo não o escrevendo, minha mão - o nome aparece
Logo escrito – a purificação acabo com minhas lágrimas!
Em vão a perda Eloisa chora e reza,

¹ JORGE LUIS GUTIÉRREZ. Atualmente é professor da Universidade Mackenzie e professor da Faculdade de Filosofia de São Bento. Especializou-se em filosofia antiga. É doutor e Mestre em Lógica e Filosofia da Ciência pela UNICAMP. Tem pesquisado, em diálogo com a física, temas como o acaso, a imprevisibilidade, a incerteza, a irreversibilidade e a liberdade humana. E em diálogo com a literatura, tem pesquisado as relações entre filosofia e poesia. É autor dos livros: “Fragmentos de Ternura, Filosofia e Desterro”, “Aristóteles em Valladolid” e “Inundada de Luz, poemas de amor e filosofia episódica”. É o editor da revista eletrônica “Pandora Brasil”. E foi um dos organizadores do livro “Educar para a vida inteira” (Editora, Alínea, 2011). Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8105914938404468>

Seu coração ainda manda, e a mão obedece.
Inexoráveis paredes! Cuja obscura ronda contém
arrependidos suspiros, e amarguras voluntárias:
Vós rochas fortes! Que santos joelhos desgastaram;
Vós grutas e cavernas inalcançáveis com horríveis espinhas
Santuários! onde as virgens mantiveram seus pálidos olhos,
E a tristeza dos santos, cujas estátuas aprenderam a chorar!

Embora frio como você, imóvel, em silêncio crescente,
Eu ainda não me esqueci como pedra.
Nem tudo está no céu enquanto Abelardo tem parte,
Ainda a natureza rebelde mantém a metade de meu coração;
Nem a oração nem os jejuns acalmaram seus impulsos persistentes,
Nem as lágrimas, ou a idade, o ensinaram a fluir em vão.

.....
Como é imensa a felicidade da virgem sem culpa.
Esquecendo o mundo e o mundo esquecendo-a.
Eterno resplendor de uma mente sem lembranças!
Cada oração aceita e cada desejo realizado;
Trabalho e descanso mantidos em iguais períodos;
Obedientes sonhos dos quais podemos acordar e chorar;
Calmos desejos, afetos sempre furiosos.
Deliciosas lágrimas, e suspiros que boiam no paraíso.
Graça que brilha a seu redor com raios serenos.
O murmúrio dos anjos arrulha seus sonhos dourados.
Por sua eterna rosa que floresceu no Éden.
E as asas dos serafins derramam perfumes divinos,
Para ela, o esposo prepara o anel nupcial,
para ela as brancas virgens cantam a canção da boda,
e ao som das harpas celestiais ela morre

e se desfaz em visões do dia eterno.